

**Sugestão enviada por Marlene Lucia Sapelli, Cascavel/PR, em 13 de abril de 2021.**

**CONTO: MÃE RITA**

**AUTOR: BRUNO AURÉLIO SILVEIRA**

*Bruno Aurélio Silveira é nascido em Pinhão - PR. Radicou-se em Jaraguá do Sul-SC, onde teve seus primeiros contatos e troca de leituras com amigos, professores, artistas e escritores.*

*Desvencilhou-se das amarras da indústria e foi morar em Guarapuava – PR., para estudar Letras e engajar-se na literatura.*

*Atualmente é graduando do terceiro ano de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, e pesquisador CNPq sobre a memória e a experiência na Literatura Brasileira Contemporânea.*

*Vê na literatura uma maneira de se conectar com o outro, em diferentes realidades, formas de ver, sentir e se relacionar com o mundo.*

*É autor do livro Histórias Manchadas: contos, poemas e fotografias com estreia em abril desse ano.*

*(texto fornecido pelo autor)*

Conheci esse jovem escritor no Laboratório da Educação do Campo, quando trabalhava na Universidade Estadual do Centro Oeste, em Guarapuava. Um jovem com uma sensibilidade humana muito grande. Cedeu, gentilmente, o conto para publicarmos aqui no Blog. Essa semana lançou o livro Histórias Manchadas (quem quiser adquiri-lo pode entrar

em contato com ele – email [aureliobruno169@gmail.com](mailto:aureliobruno169@gmail.com); instagram [brunoaureliosilveira](#))

Quando li este conto, por causa da minha educação muito tradicional e por não ter ainda vencido todos os meus limitantes, fiquei surpresa com a temática. Isso foi uma provocação para lê-lo num único movimento. Tive uma grata surpresa com a preocupação do autor em revelar, em explicitar uma faceta da classe trabalhadora, real, que está perto de nós, com respeito e buscando entender os motivos de Rita. Traz elementos da complexa conjuntura que envolve essa vida. Por mais que as pessoas, na sua dura moralidade, condenem esses trabalhadores, eles existem e vivem, às vezes, angústias existenciais. A mãe Rita, que é prostituta, ama intensamente Clarinha e assume uma responsabilidade pela sua formação, pela sua inserção na música e em outros espaços. Isso parece antagonico, mas na verdade é contraditório.

Termina apresentando a morte de Mariana. A violência que existe neste contexto e como as pessoas, em geral, considerariam essa morte como consequência apenas dos ‘desvio de conduta de Mariana’, naturalizando-a. Precisamos ensinar que todas as vidas importam.

Penso que podemos discutir a temática na escola, problematizando vários aspectos: trabalho, mãe como responsável pelo sustento dos filhos, valores, violência, valor das vidas e tantos outros.

Segue o conto para leitura. Vale a pena.

## Mãe Rita

O vento gelado bate nas pernas e os pelinhos ficam todos eriçados. Isso preocupa os homens. Acende o espírito masculino de protetor. Os carros passam e ninguém quer conversar com uma prostituta. Perguntar como ela está. Se a família está bem ou se as crianças estão indo bem na escola. Tudo o que eles querem é dar uma gemida em nome de algumas chupetas. Os carros deslizam no asfalto e buzina. “Ergue a saia!” gritam. Sento no ponto de ônibus antes da parada. Os carros param e nem dão as caras. Não querem que saibam que precisam de alguém pra satisfazer suas necessidades sexuais. Eles não gostam de olhar muito nos olhos. São vulneráveis. Não querem ser lembrados na rua depois de uma fodida.

“Quanto custa?” perguntou um magrelo bonitinho. Havia acabado de entrar em seu carro. Ele parecia mesmo necessitado.

“Cem reais. Sento em você e vou até o fim.”

“Tenho cinquenta.”

Peguei a grana e fiz a piroca dele crescer e em pouco tempo o magrelo se contorcia, já nas preliminares. Enfiei goela e sincronizei a língua. Ela espirrou e engoli, então guardou pra dentro. Saí do carro e em questão de segundos ele não estava mais ali. Arrancou, fez a curva e tudo ficou no pretérito. E ali estava eu novamente, com minhas pernas expostas e meus seios murchos na blusinha. Tomei uma água, passei um batom e voltei para o ponto. Uma noite inteira pela frente. Sento novamente e aguardo outro cara. Fico pensando na minha filha. O nome dela é Clara. Minha Clarinha de ouro. Tem doze anos e pensa que sou camareira de hotel. Nessas horas está no sono profundo, no conforto da cama com um cobertor quente. Cedo levo ela pra escola. Ela é muito inteligente, a professora disse. A mãe sabe. Não deixa faltar nada pra ela. Ela me disse que a professora chamou ela pra tocar teclado na escola; no

grupo musical da escola. Mais duas ou três pirocas que eu meto na goela e minha filha tem um teclado. Esses arredores não têm mais nenhuma clientela. Troco de rua. Vou para a Manoel de Almeida. Os carros passam e buzina, mas não querem nada.

“Qual é Rita! Deu de roubar ponto agora?”

Outras meninas fazem ponto aqui também.

“Relaxa boneca! Tu aí eu aqui.” Tem piroca pra todo mundo da banca.

As bonecas são as travestis. Sandra, Isa, Mariana e Iris. Elas têm ponto marcado, ninguém vem aqui senão arruma encrenca, mas elas são minhas amigas. Dão conselhos e chocolate. Com exceção a Iris que é menor de idade, as outras bonecas estão na noite há mais de cinco anos. Eu, quatro e meio.

“Tirou uma azulzinha hoje no carro do pivete, Princesa?” perguntou Sandra.

“Cinquenta.” Lhe respondi um pouco ressabiada.

“Encontrou a boceta no lixo?”

“Sabe é que... Preciso, senão...”

“Todo mundo precisa aqui, donzela!” retrucou Sandra.

Sandra é o tipo de boneca que outras meninas têm medo. Ela anda com a raba solta e sempre tem grana. Ela mete a mão no volume entre minhas pernas e me fala no ouvido:

“Princesa, Princesa, Princesa! Se eu tivesse da tua fruta, não ficaria no deserto assim não!” Solta uma risada que crispa o escarro da garganta.

“Deixa ela Sandra!”, diz Mariana, preocupada com os esmaltes das unhas. Mariana é uma boneca muito bonita. Ela tem seios grandes e um corpo invejável com curvas bem definidas. Ela já morou com gente da granfina. Os caras davam tudo pra ela. Noitadas, vinho argentino, hotéis com vista para o mar, mas um dia alguém bateu nela, então ela fugiu e voltou a fazer ponto na rua.

“Cobrei cinquenta por umas chupetinhas, o cara gozou na hora.” Sandra estala o olho e começa a gargalhar. “Ouviram isso? ‘... Umas chupetinhas, o cara gozou na hora’” volta a gargalhar e todas as meninas riem.

“Sabe Princesa de uma coisa?” Volta a ficar séria. “Tenho respeito por você porque tem uma filha e ela não vai ser uma vagabunda. Pode ficar aqui Princesa! Eu deixo.”

Sandra se faz de mandona e mete pressão com as novatas que vem por aqui. Mas é pra manter a ordem. Gosto dela.

Atravesso a rua e marco ponto em frente a uma construção velha. Vejo os prédios, as fachadas, um monte de fios. As bonecas rebolando a raba para os carros que passam. O zunido ininterrupto da rede elétrica. Uma camionete para e faz a ré. Um velhote de cinquenta com o cabelo untado abaixa o vidro fazendo pose.

“Que tal uma volta pela cidade?”

As bonecas olham desconfiadas. Parecem saber tudo sobre os caras. Tenho um spray de pimenta na bolsa e coloco uma lâmina embaixo da língua. Sempre tive sorte.

“Serviço rápido!”

“Quero você e a donzela que está pintando as unhas.”

Quando o serviço é a dois, sempre desconfio dos caras não ter pra pagar. Mas o velhote tinha pinta de ter grana. Chamei a Mariana,

entramos no carro e seguimos para um motel. Quando percebemos que o cara tem grana, fazemos tudo o que eles estão dispostos a pagar. Ele pagou um quarto, voltou para o carro enquanto eu e Mariana subimos as escadas. Não era um motel de luxo, Mariana sabia muito bem disso. A janela dava para a sacada de outros prédios e o quarto tinha uma cama de casal, um sofá, paredes amarelas e um banheiro sem hidromassagem. Não queríamos muito. Queríamos fazer o serviço e ir embora.

O velhote volta com uma garrafa de vinho e três copos de mesa. Ele abre o vinho, toma alguns goles e olha sedento para os nossos seios.

“Quantos está disposto a pagar, vovô?” Pergunta Mariana.

O velhote tira da carteira quatro azuizinhas. Mariana coloca as notas nos seios e esfrega a raba nele. Ele não se contém e mete a mão em seus seios. Ela olha pra mim como se dissesse “Dê vinho pra ele, uma gozada e vamos”. Mariana mostra a renda rosa, abre o zíper e continua roçando a raba no velhote. Em seguida ele se aproxima de mim. Não tenho os dotes de Mariana. Ela sim sabe excitar um cara. Boto o preservativo nele e meto pra dentro enquanto Mariana tira toda a roupa e guarda as quatro azuizinhas na bolsa. O velhote me pega de costas e começa a fungar no meu ouvido. Depois pega em meus seios que cabem como um saco murcho em sua mão. Ele tinha um cheiro adocicado que não sabia de onde vinha. Uma barriga que lhe cobria a genital e pelos brancos por todo o peito. Mariana serve mais um copo para o velhote. Ele bebe em uma talagada e bafora enquanto continua, balbuciando com os lábios roxos de vinho e a cara vermelha. Ele suava muito. A piroca do velhote cospe pra fora. Ele cai na cama com a barriga pra cima. Fica ofegante, querendo dizer algo, mas mal consegue. Fico parada ao lado do sofá tentando não ter contato com o corpo ou olhar para minha vagina. O velhote continuava na cama, na mesma posição, inda resfolegando. Estava com os olhos oblíquos no teto. Mariana bota a garrafa de vinho na boca do velho. Ela sobe

nele roçando as pernas nos peitos do velhote. Ele bebe todo o conteúdo da garrafa e cai nas jogadas sexuais de Mariana. Ela esfrega a genital na cara barbada dele. Em seguida vestimos as roupas. O velhote havia apagado. Pegamos nossas coisas e fomos embora.

“Obrigado por me livrar do pinguelo do vovô. É serio!”

Aceno com a cabeça.

“Sabe Rita. Você é uma pessoa legal. Quero que saiba que sou sua amiga e pode contar comigo sempre. Agora vai pra casa e toma um banho.”

Ela lança três azuizinhas pra mim. Recuso a terceira. Ela disse que fui eu quem fez o trabalho e também que tinha bastante grana. Era pra ficar sossegada.

Peguei as notas e tomei o circular enquanto Mariana seguia a rua.

Ainda não havia amanhecido.

Chego em minha quitinete na Mattos Leão, nos fundos de uma casa. Tem internet, água encanada e rede elétrica. Aqui tudo é simples e se resume em corredores com paredes estreitas e sem reboco, fios elétricos que não se sabe de onde vem e nem pra onde vai, mas tudo funciona. Entro, jogo a bolsa no sofá e tranco a porta. Tomo uma ducha pra tirar esse cheiro horrível que fica. Depois que se entra nessa vida, tudo tem cheiro de porra. Às vezes parece que nada tira as marcas do meu corpo. Às vezes choro no banho. Escovo os dentes e evito me olhar no espelho. Também não olho para as minhas pernas. Não tenho mais a beleza de outros tempos. Dói mais fingir que não sente. Espero a noite passar pra chorar. Já é manhã, ligo a teve, abro as janelas, dobro uma toalha que tinha alguns rasgos e estendo sobre a mesa de madeira carcomida, faço o café da manhã e fico na porta do quarto, olhando Clarinha dormir. Ela se acorda e sorri com a minha presença. Minha Clarinha de ouro.

“Vamos acordando meu anjo...”

Sinto o cheiro do café passando e da manhã viva na janela. Clarinha levanta da cama e começa a pular nela. Deixo o chuveiro no quente, ela toma banho enquanto faço o café. Corto dois pães de cenoura ao meio, passo geleia de morango em uma metade e na outra metade uma fatia de queijo, uma de presunto e uma rodela de tomate. Depois condimento com orégano e deixo na torradeira até acender a luz verde. Enquanto isso, atendo o leite pra não ferver. Desligo-o antes de borbulhar e evito cheirá-lo. Sirvo uma xícara de café com leite para Clarinha e tiro os pães da torradeira. Olho o reflexo do cômodo pelo vidro do fogão, o armário com a santa, a vela queimada, as toalhas bordadas, as roupas de Clarinha no guarda-roupa entreaberto do quarto contíguo e vejo que quando entro em minha casa e estou com minha filha, não são apenas paredes velhas que nos distanciam dos homens com seus desejos brutais e seus objetos fálicos. Sinto-me outra, embora não me distancie de ter sido largada e usada tantas vezes. Deixo que o calor da manhã invada minha casa. O céu é muito lindo quando vistos a olho nu, distante de todos os nossos problemas.

Clarinha sai do banho e senta-se para fazer as refeições. Adoro ver suas mãos pequenas apalpando a xícara com a orelha quebrada.

“Hoje vamos à loja de penhores”. Disse-lhe, contendo-me para ver sua reação.

“Loja de Penhores?”. Ela indaga arqueando os olhos grandes com a boca cheia de café.

“Vamos comprar um teclado...” Ela pula da cadeira e me abraça com seus ossinhos, depois vai para o quarto e volta em segundos com seu caderno de notas.

“Vou ter um teclado! Poderei tocar pra sempre. Poderei tocar pra você...”



Ela abre o caderno não contendo a alegria.

“Olha Mãe! Essa música... tocaremos no evento da escola. É a Nona de Beethoven. Eu aprendi ela!”

Olha para o caderno aberto e movimentava os dedinhos no canto da mesa.

“Olha mãe! Te falei que é simples. O polegar é Dó, indicador é Ré, o do meio é Mi...”

O meu celular toca dentro da bolsa. Vou ver quem é. Tiro-o da bolsa. Clarinha continua a movimentar os dedos no canto da mesa. É a Sandra.

“Rita!”

“Oi...”

“Onde você está? Você está bem?”

Ela estava muito preocupada. Sua voz ainda sim era tranquilizadora.

“Estou em casa... Estou sim.”

“Vem pra Manoel Mendes. Estamos aqui. Encontraram a Mariana morta. Alguém espancou ela quando estava saindo do programa. Venha!”

O celular caiu no chão. Fiquei incrédula. A Mariana estava comigo há pouco. A voz de Sandra ainda intercalava em meu ouvido. “A Mariana...”, “Alguém espancou ela!”.

“Rita! Rita...!”. Sandra ainda estava na linha. Clarinha continuava com os dedos

“Mi, Fá, Sol, Sol, Fá, Mi, Ré, Dó, Dó, Ré, Mi, Mi, Ré...”.

.....

